

Cardoso muda de estilo na transição

■ A 28 dias da posse, o presidente eleito adota uma postura reservada, deixando de lado as ironias e brincadeiras da campanha

MÁRCIA CARMO

BRASÍLIA — Aos 63 anos, Fernando Henrique Cardoso resolveu mudar. Presidente eleito com cerca de 34 milhões de votos, o professor de sociologia com vida acadêmica conhecida nos principais países do mundo e passagens marcantes pelo Senado e dois ministérios está mais reservado do que nunca em toda sua vida pública.

A 28 dias da posse, ele ouve ao máximo, fala cada vez menos e mede cada palavra até em reuniões com assessores. A cautela levou Fernando Henrique a optar pela formalidade. "Admiro sua propriedade em se adaptar às condições do cargo", elogia o governador eleito do Rio Grande do Sul, Antonio Britto (PMDB). "A postura é perfeita. O Brasil o elegeu porque quer tranquilidade, estabilidade em suas vidas, e é isto que ele continua transmitindo", completa o diretor-executivo do Ibope, Carlos Augusto Montenegro.

Líder do PMDB e depois do PSDB no Senado, onde era o escolhido para as negociações mais delicadas, como a relatoria da Comissão da Dívida Externa, intermediário dos constituintes entre os militares, Fernando Henrique era conhecido até então pela disposição de explicar à exaustão questões difíceis.

O ministro — Como ministro da Fazenda, não se cansava em comparecer ao Congresso ou onde quer que fosse para explicar a importância da estabilidade do Plano Real, e garantir que não ocorreriam surpresas em nenhuma etapa. Dava entrevistas na entrada e na saída do ministério, e aparecia no Planalto para informar cada capítulo do Real ao presidente Itamar Franco. Hoje, o periplo foi substituído pelas conversas reservadas e objetivas, quase sempre na casa em que mora no Lago Sul e no escritório que ocupa no Palácio da Alvorada.

Candidato presidencial descontraído, com tiradas bem-humoradas para diferentes ocasiões, ele reduziu as ironias e brincadeiras. Está preocupado. "Antes ele esticava mais a conversa e normalmente falava do meu chapéu", observa o senador José Eduardo Andrade Vieira (PTB-PR), que acompanhou Fernando Henrique em quase todas as 116 viagens de campanha.

As longas conversas hoje estão resumidas a rápidos telefonemas e a encontros estritamente profissionais, sem intervalos para o riso solto e para o charme da conversa infor-



mal que o sociólogo esbanjava antes de ser presidente eleito. "Hoje, Fernando Henrique é um executivo que sabe da tarefa que tem pela frente. Mas continua uma pessoa afável", completa José Eduardo. "Ele não levantou o nariz, mas apenas respeita alguns deveres que a Presidência lhe impõe", argumenta Antonio Britto.

O certo é que Fernando Henrique ficou mais rigoroso com ele mesmo. Sabe que cada palavra mal colocada tem o efeito da opinião do presidente eleito, repercutindo imediatamente no mercado financeiro, no cotidiano do atual governo e no astral da sociedade. Vive o impasse de, como homem mais informado da República, não poder tomar decisões rápidas para não tumultuar o final do mandato do presidente Itamar, a quem guarda gratidão pela sua vitória. Itamar, por sua vez, também toma cuidado com as declarações públicas para não ser apontado como político insatisfeito.

Esta semana, por exemplo, Itamar não teria ficado muito contente com as notícias sobre a indicação de Pedro Malan, um nome que rejeitou duas vezes para ser ministro do seu governo, para a Fazenda. Talvez, tenha considerado sua divulgação precipitada. Mas evitou comentários.

Ao mesmo tempo, alguns políticos questionam o que chamam de excesso de zelo do presidente eleito que poderia dar maiores sinalizações sobre os rumos que pretende adotar no seu governo. "Ainda está nebuloso demais", reclamou esta semana um assessor da área econômica, mesmo depois da divul-

nizar no Itamarati e no próprio Palácio da Alvorada, onde o presidente vai morar com dona Ruth Cardoso.

Na última quarta-feira, no Palácio do Planalto, depois de uma conversa com o ex-presidente José Sarney, senador pelo PMDB do Amapá, e com o presidente Itamar Franco, com quem esteve por mais de duas horas, Fernando Henrique teve o apoio irrestrito dos dois para suas atitudes silenciosas. "O momento exige muita reflexão", disse um dos participantes da conversa. O argumento é o de que o presidente eleito estuda criteriosamente cada nome, cada medida e, exigente, não quer deixar va-

zar nada que não seja confirmado. Tumultuaria a transição.

Quinze dias depois do último pronunciamento, que fez na sede do PSDB em Brasília, sem direito a perguntas, pedindo a compreensão dos novos governadores eleitos, alguns políticos ainda questionam se Fernando Henrique não estaria demonstrando que exercerá o presidencialismo em seu último grau. "No Senado, ele mostrou que era homem de negociação e não era de tomar uma decisão de cara porque a característica política dele é de buscar o consenso. Acho que na

Cardoso sabe que cada palavra mal colocada ganha o efeito da opinião do futuro presidente da República

gação dos nomes da equipe que comandará a Fazenda.

"Acho que ele vai encontrar o tom certo depois do dia 1º de janeiro", prevê um assessor que há anos acompanha o presidente eleito, que a seu modo já impôs o respeito ao que Sarney chamava de "a liturgia do cargo".

O que não se traduz em tristeza, porque, afinal, como o próprio Fernando Henrique costuma dizer, o poder não deve ser triste. E para isso, os diplomatas já sonham com as recepções de primeiro mundo que vão orga-

Presidência terá que tomar posições", disse o deputado José Genoíno (PT-SP). Certamente esta é a meta do novo presidente, que já fez bons ensaios no Ministério da Fazenda, onde surgiu o Plano de Estabilização Econômica.

Foi ali, depois de passar pelo Itamarati, na estréia no Executivo, que passou a tomar decisões mais duras, apesar de sempre com o cuidado de dizer um "não" sem desagradar. "Mas a postura silenciosa e formal de Fernando Henrique está sendo ótima para inibir a ação dos lobistas", avalia outro auxiliar do presidente.

Bom humor — Pai e avô, Fernando Henrique é conhecido também em casa pelo bom humor. Contam os amigos que é muito bom em imitar personalidades ilustres e caricatas e suas falas muito próprias. Adora as frases inteligentes que provocam o riso nos grupos de amigos. Mas tem mantido a formalidade mesmo entre os poucos assessores com quem despacha diariamente, entre os quais, Paulo Renato Souza, Eduardo Jorge e Sérgio Mota. Agora, é o presidente da República.

Saudosista, o senador Eduardo Suplicy (PT-SP), amigo de Fernando Henrique que não falou com o presidente depois das eleições, lembra dos tempos em que os dois tinham casa de veraneio na praia de Picinguaba, no litoral norte de São Paulo, entre Parati e Ubatuba. Das conversas políticas agradáveis e da afinidade ideológica que cultivaram nos tempos do MDB, do apoio às históricas greves no ABC em 1979, em pleno regime militar, Suplicy hoje também está na expectativa de como Fernando Henrique vai se comportar como presidente.

"Sempre me dei bem com Fernando Henrique, salvo momento de tensão na disputa para a prefeitura de São Paulo, em 1985, quando fomos candidatos adversários", recorda-se Suplicy. Hoje, ele observa: "De lá para cá, nós dois mudamos muito, porque o país mudou. E espero que ele coloque em prática suas melhores qualidades, especialmente as experiências que adquiriu na luta pela democracia".

O pefelista pernambucano Gustavo Krause, que conviveu com Fernando Henrique no ministério e agora é um dos colaboradores na transição, acha que o silêncio do presidente eleito hoje é apenas resultado das circunstâncias. "Ele poderia ser personagem do livro de Vargas Llosa, *Peixe na Água*. Mas com experiência para o delicado momento.